



Erasmus+

Aprendizagem Sociocultural dos Jovens e Sociedades de Mobilidade

Socio-cultural Learning of Youth in Mobile Societies

Competências e capacitação através de
eventos sociais



CAI - Conversas
Associação
Internacional



Informação do projeto



Funded by the
Erasmus+ Programme
of the European Union

Sigla do projeto	SLYMS
Título do projeto	Sociocultural Learning of Youth in Mobile Societies
Número do Acordo de Projeto	2018-1-EL02-KA205-004039
Sítio Web do projeto	http://slyms.uth.gr/
Parceiros autores	Universidade de Tessália, UPF, Associação ARSIS de Apoio Social à Juventude, CAI, Município de Salónica
Data de preparação	01/06/2019 - 31/12/2019

Aviso de isenção de responsabilidade:

Este projeto foi financiado com o apoio da Comissão Europeia. Esta publicação reflete apenas a opinião dos autores, e a Comissão não pode ser responsabilizada por qualquer utilização, que possa ser feita das informações nela contidas.

Tabela de Conteúdos

1. INTRODUÇÃO	4
2. PERCURSOS DE APRENDIZAGEM DE COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS ATRAVÉS DO FESTIVAL DO MULTILINGUISMO DE SALÓNICA	6
3. METODOLOGIA	14
4. ANÁLISE	17
a. Desenvolvimento de competências através da aprendizagem informal	17
b. "Dar e receber": Peritos e Comunidades.....	19
c. Expectativas e contribuição	21
5. CONCLUSÃO	23
APÊNDICES	25
APÊNDICE 1	25
APÊNDICE 2	28
APÊNDICE 3	29
APÊNDICE 4	34
APÊNDICE 5	38
APÊNDICE 6	39
APÊNDICE 7	40
REFERÊNCIAS.....	42

1. INTRODUÇÃO

O treino de competências tem um papel central não só no desenvolvimento económico mas também na sustentabilidade e resiliência das sociedades contemporâneas (Trilling e Fadel, 2009). A construção de competências sociais e pessoais específicas, tais como *comunicação, colaboração/cooperação e trabalho em rede, negociação, resolução de conflitos, pensamento crítico, participação, sensibilidade intercultural, empatia e autoavaliação*, visa criar a próxima geração de cidadãos responsáveis e funcionários ativos, capazes e formados, que terão a flexibilidade de se adaptar às exigências do mercado de trabalho e da sociedade em geral, mas também de realizar os complexos desafios que lhes são atribuídas no seu ambiente de trabalho (Kaščák e Pupala, 2011). Desta forma, é reconhecida a variabilidade social, bem como a necessidade de adaptação contínua das pessoas aos novos desenvolvimentos.

A promoção das competências e capacidades dos jovens que podem ser melhoradas durante Eventos Socioculturais, é o foco principal desta produção, tais como o Festival Do Multilinguismo de Salónica na Grécia. Na verdade, o que nos preocupa nesta produção é a investigação da contribuição do Festival para o desenvolvimento ou melhoria das competências específicas nos jovens de grupos sociais vulneráveis. A fim de fazer um esboço documentado e fundamentado dos percursos de aprendizagem não formais e informais do festival que possivelmente conduzam à promoção de competências e capacidades específicas, recolhemos material empírico constituído pelas opiniões de várias pessoas que estiveram ativamente envolvidas neste festival nos últimos anos. O grupo-alvo da nossa investigação foram principalmente os jovens trabalhadores e professores que participaram regularmente na organização e em várias iniciativas sociais locais e trans-locais do Festival do Multilinguismo em Salónica.

Este material específico foi processado através da lente da literatura relevante atual e dos outros resultados (publicações) do projeto “*Socio-Cultural Learning of Youth in Mobile Societies*” (adiante designado por SLYMS) que temos vindo realizando até agora, tais como: a Revisão da Literatura (IO1), o Estudo Etnográfico (IO2), o Manual de Formação de Formadores (IO3) e os resultados sobre Política de Juventude (IO9). Como já foi mencionado na primeira produção (IO1) do projeto SLYMS, “os Eventos Socioculturais como percursos de aprendizagem informais e não formais têm a dinâmica e o potencial de desempenhar um papel catalisador para reforçar a participação dos jovens e desenvolver competências sociais e pessoais específicas”.

À luz dos resultados acima mencionados e das afirmações dos entrevistados, tentámos esboçar os processos educativos não formais e informais que normalmente têm lugar durante o evento sociocultural do Festival Do Multilinguismo de Salónica. Do nosso ponto de vista teórico, tal como descrito em IO1, estes processos contribuem significativamente para a transformação das perspectivas dos participantes, para o enriquecimento dos seus conhecimentos e das suas competências interculturais.

Nas secções seguintes, apresentamos em primeiro lugar a discussão teórica sobre os possíveis percursos de aprendizagem do festival, considerando as perspectivas dos participantes e incluindo as suas experiências decorrentes do seu envolvimento direto no mesmo. Em segundo lugar, fornecemos alguns detalhes sobre a investigação e a sua metodologia e, por fim, analisamos o material empírico do estudo.

2. PERCURSOS DE APRENDIZAGEM DE COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS ATRAVÉS DO FESTIVAL DO MULTILINGUISMO DE SALÓNICA

O nosso foco aqui é principalmente o desenvolvimento, melhoria e promoção das competências *sociais* e *personais* básicas através do funcionamento do Festival de Multilinguismo em Salónica. Antes de mais, é importante esboçar o quadro teórico sobre como as competências são consideradas de acordo com a literatura relevante atual.

Uma competência tem uma estrutura tripartida: a. Teoria; b. prática e c. objectivo (por exemplo, intervir e mudar a realidade e a identidade) (Kaščák e Pupala, 2011). À luz desta estrutura específica, identificámos algumas competências sociais e pessoais que são necessárias para permitir a inclusão social ativa, especialmente dos jovens em risco.

Através da lente destas competências sociais e pessoais, tentaremos analisar as declarações dos participantes no nosso estudo.

1. *Comunicação*: a linguagem tem aqui um papel fundamental; como construir um argumento e estratégias discursivas e persuasivas em geral.

Ser capaz de comunicar eficazmente é talvez a mais importante de todas as competências sociais da vida. É o que nos permite passar informação a outras pessoas, e compreender o que nos é dito. Refere-se à capacidade de transmitir ideias, informações e opiniões de forma clara e convincente, tanto verbalmente como por escrito, ao mesmo tempo que ouvimos e somos receptivos às propostas dos outros (Modes Project, 2009-12).

A comunicação não é o mesmo que a radiodifusão, ou simplesmente o envio de informação. É um processo bidirecional. Por outras palavras, envolve tanto o envio como a recepção de informação. Requer tanto falar como ouvir, mas também - e talvez de forma crucial - desenvolver uma compreensão partilhada da informação transmitida e recebida.

Por conseguinte, esta é uma competência essencial que os jovens devem adquirir a fim de serem capazes de construir uma argumentação, bem como estratégias discursivas e persuasivas.

As artes, em todas as suas formas, incluídas no Festival do Multilinguismo de Salónica (teatro, performances de música e dança, exposições de filmes, oficinas etc.) podem ser um óptimo veículo para a criação de capacidades de comunicação para os jovens.

Para começar, as atividades artísticas têm o poder de ultrapassar a barreira linguística: desenho, pintura, atividades manuais, dança e música, permitem às pessoas expressar a sua personalidade sem usar palavras. Partindo de uma tal base de comunicação não verbal, os jovens podem não só começar a construir pontes entre eles, mas também expressar-se enquanto se sentem livres e seguros, de modo a começar a desenvolver novas capacidades de comunicação verbal.

Além disso, como a língua tem um papel fundamental na comunicação, há provas persuasivas de práticas em todo o mundo de que a participação nas artes pode melhorar poderosamente as competências de literacia.

Atividade sugerida/workshop: *A Batalha pela Laranja* (p.166-167), Compasito: Manual sobre educação em direitos humanos para crianças, APÊNDICE 1

2. *Cooperação/colaboração e trabalho em rede:* formação de equipas; também, competências organizacionais, negociação e resolução de conflitos fazem parte desta competência social.

Colaboração significa trabalhar em conjunto com uma ou mais pessoas para completar um projeto ou tarefa ou desenvolver ideias ou processos. Ser colaborador tem várias vantagens, tais como capacidade de resolução de problemas e de resolução de conflitos, autoanálise (tornando-se mais consciente dos seus pontos fortes, bem como dos seus pontos fracos) e capacidades organizacionais. Além disso, envolve a partilha de recursos e conhecimentos, harmonizando interesses e contribuindo ativamente para alcançar os objectivos da organização (Modes Project, 2009-12).

A maioria das artes são, pela sua própria natureza, colaborativas. Trata-se de forjar ligações através da partilha de interesses e objectivos comuns com outros. Através de oficinas de artes os jovens praticam o trabalho em conjunto, partilhando responsabilidades, e comprometendo-se com outros para alcançar um objectivo comum. Quando alguém tem um papel a desempenhar num conjunto musical, ou numa produção de teatro ou dança, começa a compreender que a sua contribuição é necessária para o sucesso do grupo. Através destas experiências, podem ganhar confiança e começar a aprender que as suas contribuições têm valor mesmo que não tenham o papel central.

Além disso, os projetos de arte colaborativa exigem frequentemente capacidades de resolução de problemas.

A arte não resolve problemas mas faz-nos tomar consciência da sua existência'. M. Abakanowicz, Sculptor.

Como é que as artes contribuem então para a capacidade de resolução de problemas? Em termos simples, ao compreender o processo criativo, aprendemos o processo de resolução de problemas por defeito.

A criação artística nasce através da resolução de problemas. Como é que transformo este barro numa escultura? Como é que retrato uma emoção particular através da dança? Como irá o meu personagem reagir nesta situação? Sem sequer perceber que as pessoas que participam nas artes estão constantemente a ser desafiadas a resolver problemas. Toda esta prática de resolução de problemas desenvolve capacidades de raciocínio e compreensão.

Finalmente, considerando o facto de que as artes têm a ver com a construção de confiança com aqueles com quem trabalhamos em projetos que são significativos para nós, aprendemos também a resistir aos desafios e desacordos de forma construtiva e pró-ativa, desenvolvendo capacidades de negociação e resolução de conflitos. É muito útil e vital para os jovens de contextos sociais vulneráveis desenvolver as capacidades: a. de gerir conflitos, o que significa estimular, regular ou resolver conflitos entre duas ou mais partes (Modes Project, 2009-12); b. argumentar clara e coerentemente e conciliar diferentes opiniões para alcançar um acordo que satisfaça todos com o objectivo de alcançar os objectivos propostos (Modes Project, 2009-12).

Atividade sugerida/workshop: Módulo 5 *Cake Sculpture*: Celebração, Tema 5A, (p.12), ArtsTogether: Integrating Migrant Children at Schools Through Artistic Expression, APÊNDICE 2

3. *Pensamento Crítico: Ver para além do óbvio* (sobre questões económicas, políticas, sociais e comunitárias; aprender a 'ler' criticamente o novo regime e as exigências do novo ambiente de trabalho e de mercado).

O pensamento crítico é um processo intelectualmente disciplinado de conceptualizar, aplicar, analisar, sintetizar e/ou avaliar informação, recolhida da ou gerada pela

observação, experiência, reflexão, raciocínio, ou comunicação. É como um guia para a crença e a ação". (The Foundation for Critical Thinking)

O pensamento crítico é um processamento deliberado e sistemático de informação para que se possa tomar melhores decisões e, em geral, compreender melhor as coisas. A definição acima inclui tantas palavras porque o pensamento crítico requer a aplicação de diversas ferramentas intelectuais a informações diversas.

Para o colocar em palavras mais simples, o pensamento crítico requer realmente um pensamento “fora da caixa”. Em vez de apenas abraçar e seguir cegamente as abordagens populares aqueles que usam o pensamento crítico desafiam o consenso. Isto significa que frequentemente têm de perseguir pensamentos ou abordagens menos populares.

Portanto, se pensarmos bem, o pensamento crítico é uma componente absolutamente necessária à criatividade. Sem ele, como pode a pessoa criativa continuar a avaliar e a melhorar as suas ideias?

A arte, em particular, encoraja os participantes a observarem o mundo a partir de muitos ângulos diferentes. A maior parte da arte é muito complexa e constitui-se por diferentes camadas de significados. É preciso tempo para encontrar, examinar e considerar estas diferentes camadas.

É precisamente este processo de observação e estudo que ensina os participantes a observar e analisar o mundo de forma mais intensa. E é através deste processo que eles adquirem as competências que constroem as bases do pensamento crítico.

Tendo como base o pensamento crítico, os jovens podem desenvolver a sua própria perspectiva em torno das questões económicas, políticas, sociais e comunitárias.

Atividade sugerida/workshop: *Palavras que Feriram* (p.194-196), Compasito: Manual sobre educação em direitos humanos para crianças, APÊNDICE 3

4. *Participação* no espaço ou esfera pública (para aprender a estar exposto aos outros e para ter estratégias de gestão do stress de exposição e gestão emocional em geral)

Os bons processos de participação podem gerar contribuições significativas para a tomada de decisões nas cidades. A participação social promove o envolvimento ativo dos residentes nos debates e deliberações sobre o futuro de uma cidade ou de um bairro. Tais diálogos são promovidos no Festival do Multilinguismo de Salónica através de várias atividades e eventos, tais como oficinas de conhecimento participativo para cidadãos, pais, educadores e crianças, discussões abertas, mesas redondas, oficinas de artes etc.

Está provado que as atividades artísticas que decorrem em espaços públicos ajudam os participantes não só a aprender a estar expostos aos outros, mas também a desenvolver estratégias para gerir o stress da exposição e as suas emoções num sentido mais amplo.

Como as artes e a criatividade estão ligadas às emoções, é extremamente importante primeiro aprender a reconhecê-las e depois praticar a sua regulação. Assim que os participantes forem capazes de identificar os seus sentimentos e a melhor os regular, estarão um passo mais perto de participar com sucesso no trabalho colaborativo. Ao promover práticas participativas pensadas, criamos uma cultura que naturalmente apoia o crescimento sócio-emocional.

Atividade sugerida: *Como se posiciona?*, (p. 184-186), Compasito: Manual sobre educação em direitos humanos para crianças, APÊNDICE 4

5. *Sensibilidade intercultural* (línguas, danças, canções, artes, desportos, teatro, cinema, gastronomia, livros, etc.)

É um facto inegável que hoje vivemos em sociedades caracterizadas pelo pluralismo cultural - a existência de diferentes culturas vivendo lado a lado. Este pluralismo cultural torna a dinâmica das relações interpessoais mais desafiante, exigindo que aprendamos a relacionar-nos eficazmente com pessoas que se possam comportar, pensar e sentir de forma diferente das nossas próprias expectativas pessoais e culturais.

O Conhecimento Intercultural é o conhecimento, atitudes e aptidões que apoiam uma interação eficaz e apropriada numa variedade de contextos culturais, a fim de contribuir para uma adaptação e construção de relações sociais satisfatórias.

Uma vez que as sociedades desenvolvem objectivos comuns e que sociedades diferentes perpetuam o desenvolvimento de relações económicas, sociais e culturais a longo prazo com outros grupos culturais e, por fim, que a instabilidade global continua a atingir o mundo, o

desenvolvimento da sensibilidade e o conhecimento Intercultural tornam-se cada vez mais importantes, especialmente para os jovens.

Portanto, o apelo à integração do conhecimento e promoção das competências interculturais no seio da educação é um imperativo, com origem no facto de nos vermos como membros de uma comunidade mundial, sabendo que partilhamos o futuro com os outros.

A arte é o instrumento mais utilizado (através das mais variadas formas), não só para recordar e celebrar eventos importantes, mas também para preservar as identidades colectivas. Festivais, exposições, teatro, dança, música, literatura ou cinema estão entre as formas mais eficazes para as pessoas expressarem as suas visões de mundo, emoções e opiniões.

Através da arte, indivíduos e grupos também exercem ativamente a cidadania e propagam opiniões: reivindicam direitos, influenciam a opinião pública e encorajam a ação dos seus pares. A arte é utilizada para educar os jovens, para estimular a solidariedade e os laços colectivos e para fomentar o bem-estar da comunidade.

Devido a este grande poder, a expressão artística é frequentemente utilizada como um instrumento para melhor compreender a diversidade. De facto, a arte inicia, fomenta e protege a diversidade e por isso pode ser um instrumento universal para iniciar, alimentar e proteger o diálogo intercultural, celebrando ao mesmo tempo a diversidade cultural.

Criatividade, imaginação e inovação são partes integrantes no processo de criação de arte. Ao mesmo tempo, estes mesmos ingredientes são a manifestação da diversidade e o resultado da interação, diálogo e influência cultural que promove novas formas de expressão cultural e permite a sobrevivência e adaptação cultural.

Atividade sugerida/workshop: *Sharing Our Stories*, Módulo 1: Jornadas, Tema 1C, p.24, ArtsTogether: Integrating Migrant Children at Schools Through Artistic Expression
APÊNDICE 5

6. *Empatia* (Conhecer e reconhecer o outro)

A empatia é a participação imaginária na experiência de outra pessoa, incluindo as dimensões emocional e intelectual, imaginando a sua perspectiva (não assumindo a posição da pessoa)". Bennett, J. 1998.

Em palavras mais simples, a empatia envolve a capacidade de compreender emocionalmente o que outra pessoa está a experienciar. Essencialmente, é colocar-se na posição de outra pessoa e sentir o que ela deve estar a sentir.

Há vários benefícios em poder experimentar a empatia. Para começar, a empatia permite às pessoas construir ligações sociais com os outros. Ao compreender o que as pessoas pensam e sentem, as pessoas podem responder adequadamente em situações sociais. Além disso, empatizar com os outros ajuda as pessoas a aprender como regular as suas próprias emoções. A regulação emocional é muito importante pois permite às pessoas gerir o que sentem, mesmo em tempos de grande stress, sem se sentirem sobrecarregadas. Finalmente, a empatia promove comportamentos de ajuda enquanto as pessoas ao empatizarem têm mais probabilidades de se envolverem em comportamentos úteis.

Assim, a empatia como competência de vida é muito importante no desenvolvimento de uma pessoa. Embora não se possa realmente ensiná-la, a exposição a outras mentes, ajuda certamente e nada mais cria um nível necessário de exposição na mente dos outros, do que a arte. Qualquer obra de arte é uma espreitadela à mente do criador. Por um segundo, minuto ou hora, é a ligação mais próxima ao sentir do que a outra pessoa está a sentir. Ao envolverem-se em projetos de arte, bem como ao serem expostos a obras de arte, os jovens podem desenvolver empatia e aproximarem-se para compreender, sentir e aceitar que os outros podem ver o mundo de forma diferente da nossa.

Atividade sugerida/workshop: *Through The Door*, Módulo 1: Jornadas, Tema 1C, p.23, ArtsTogether: Integrating Migrant Children at Schools Through Artistic Expression
APÊNDICE 6

7. *Autorreflexão e autoavaliação*

'Siga a ação eficaz com uma reflexão silenciosa, da reflexão silenciosa virá uma ação ainda mais eficaz' Peter F. Drucker

Todas as pessoas aprendem através das experiências e dos erros. Mas, a menos que se questionem sobre o significado destas experiências e pensem ativamente sobre elas, a investigação tem demonstrado que não podem proceder a quaisquer mudanças. A autorreflexão permite que as pessoas passem da simples experiência para a compreensão.

Encoraja um nível de auto-consciencialização e consciência sobre a prática e permite às pessoas identificar não só as áreas a melhorar, mas também as áreas em que são fortes.

A autoavaliação está estreitamente alinhada com a (auto)-monitorização e reflexão. É um processo de avaliação crítica do desempenho de cada um. Mais especificamente, é um procedimento para observar, analisar e valorizar sistematicamente as ações e os seus resultados, de modo a estabilizá-los ou melhorá-los. É a capacidade de olhar para o progresso, desenvolvimento e aprendizagem de cada um para determinar os seus pontos fortes e as áreas que precisam de ser melhoradas. (Business Dictionary).

"Fomentar o Pensamento requer tornar o pensamento visível. O pensamento surge, sobretudo, nas nossas cabeças, invisível para os outros e até para nós próprios. Pensadores eficazes tornam o seu pensamento visível, ou seja, externalizam os seus pensamentos através da fala, da escrita, do desenho, ou de algum outro método. Podem então dirigir e melhorar esses pensamentos. O Pensamento Visível também enfatiza o pensamento documental para reflexão posterior". - Tornar o Pensamento Visível, Ron Ritchhart e David Perkins

Esta externalização do pensamento através do desenho, da escrita, da dança, do canto ou da performance é simplesmente aquilo a que chamamos Arte. E como a arte tem tudo a ver com o processo, sem autorreflexão e avaliação, os artistas não podem aprender todo o seu potencial. Ao envolverem-se em projetos de arte, através de uma reflexão regular e propositada enquanto exploram e avaliam áreas nas suas próprias obras de arte, os jovens podem aumentar a compreensão, construir e alargar estas competências.

Atividade sugerida/workshop: *Emotions and Masks*, Módulo 3: Performing People, Theme 3C ArtsTogether: Integrating Migrant Children at Schools Through Artistic Expression, APÊNDICE 7

3. METODOLOGIA

O objectivo básico desta publicação (produção IO4 do SLYMS) é delinear que competências podem ser desenvolvidas ou promovidas durante o Festival do Multilinguismo de Salónica. O nosso objectivo é recuperar a experiência das pessoas que voluntariamente se envolveram nos trabalhos do festival, a fim de conceber futuros percursos de aprendizagem que permitam o desenvolvimento de capacidades de jovens vulneráveis. Para atingir este objectivo de investigação, aplicámos uma metodologia de investigação qualitativa. Em particular, implementámos uma série de *focus groups* (*grupos-alvo*) e *entrevistas*. A seleção dos entrevistados-chave foi feita sob a orientação dos organizadores do festival e dos representantes da Câmara Municipal de Salónica. A grande maioria dos entrevistados tem participado regularmente nos trabalhos do festival como membros de várias comunidades étnicas ou organizações culturais. A maioria deles parecia muito feliz por contribuir para o projeto e partilhar connosco as suas experiências.

Um *grupo-alvo* (*Grupo-alvo*) é composto por um pequeno número de indivíduos, geralmente com um papel fundamental na situação em estudo, seleccionados e reunidos pelos investigadores para discutir e expressar a sua experiência pessoal considerando o tema da investigação. A principal vantagem deste método sobre outros métodos qualitativos é a dinâmica criada pela interação entre os entrevistados, e entre os entrevistados e o entrevistador. Idealmente, através deste processo, as respostas dos entrevistados estão a enriquecer-se porque resultam de uma discussão colectiva. Outro aspecto importante dos grupos-alvo é que podem conter narrativas tanto como histórias biográficas de vida como argumentos produtivos. Este procedimento colectivo pode fornecer dados significativos sobre a questão da investigação (Barbour, 2018).

Em comparação com entrevistas individuais, os grupos-alvo são preferíveis uma vez que eliminam o medo que muitos entrevistados enfrentam quando estão envolvidos na interação presencial (Morgan, 1988). O sentido e a atmosfera criados por um grupo de pessoas podem aliviar estes sentimentos, uma vez que os entrevistados são encorajados a participar num procedimento colectivo e a falar sobre as suas experiências partilhadas (Kitzinger, 1995). Por último, mas não menos importante, muitas noções dos entrevistados podem parecer irracionais à primeira vista para o entrevistador. Se estas noções se tornarem visíveis da perspectiva dos outros indivíduos envolvidos, seria provável que se mostrassem numa lógica mais coerente e possivelmente mais significativa. No entanto, isto só se torna aparente

quando é dada aos participantes do grupo-alvo a possibilidade de justificar e expandir os seus pontos de vista num ambiente sem juízos de valor" (Barbour, 2018, 24).

Dois grupos-alvo e uma entrevista realizada a partir de 10 a 22 de dezembro de 2019. Antes deste período, a equipa de investigação esteve envolvida nos trabalhos preliminares sobre o local e a duração das reuniões. Durante este processo, foram organizadas três chamadas abertas. Em particular, os participantes vêm da Albânia, Azerbaijão, Alemanha, Grécia, Arménia, Sérvia, e alguns deles são membros de duas organizações locais (Salónica): o 'Museu da Criança' e a 'Arte da Ação'. Todos eles vivem em Salónica há muitos anos e são considerados como residentes permanentes desta cidade. A maioria delas eram mulheres. As suas idades variaram entre os 22 e os 60 anos de idade. O número total de participantes era de catorze (14).

Os participantes foram plenamente informados sobre os objectivos do projeto SLYMS antes do seu envolvimento nos processos de entrevista. Na verdade, assinaram um formulário de consentimento no qual concordaram em participar anonimamente na investigação. Relativamente à estrutura da entrevista, esta foi dividida em duas partes diferentes. A primeira parte continha perguntas de aquecimento, tais como quais as experiências pessoais e o nível de envolvimento no Festival Do Multilinguismo, dos participantes. A segunda parte, como parte principal, centrou-se na sensibilização dos participantes relativamente ao impacto do festival em si, bem como nas competências que eles acreditam que podem ser desenvolvidas através do funcionamento do festival.

Após a transcrição e tradução do material empírico, aplicámos uma análise temática sob o prisma da literatura relevante e dos resultados do projeto SLYMS. Para ser mais específico, a codificação e criação de categorias foi feita utilizando o método das seis etapas, seguido da análise temática proposta por Braun e Clarke (2006). A análise temática é uma ferramenta para identificar padrões de temas nos dados da entrevista e para os organizar em grupos significativos. Além disso, a análise temática é frequentemente entendida como um método ou técnica e não como metodologia ou quadro teoricamente informado para a investigação. Pode ser combinada com muitas epistemologias e pode ser caracterizada como um instrumento de investigação qualitativa independente mas não como um método de investigação completo. No nosso caso, procurámos tópicos específicos, provavelmente necessitando apenas de transcrever as partes da entrevista que diziam respeito a esse tópico.

O primeiro passo foi familiarizar-se com os dados e tentar identificar conceitos e normas. Particularmente, nesta fase, foi necessária uma leitura repetitiva de todos os dados das entrevistas. Na análise, demos especial atenção a padrões específicos decorrentes dos dados. Além disso, anotámos as nossas ideias preliminares para o processo iminente de codificação. A segunda etapa foi o comentário a estes códigos preliminares. Um código é uma descrição de um texto escolhido, não uma interpretação do mesmo. O objectivo era identificar padrões a partir do conjunto de dados associados à questão da investigação do estudo. Na terceira etapa, foi feita uma tentativa de identificar padrões nos comentários que foram recolhidos, ou seja, os códigos foram comparados a fim de encontrar diferenças e semelhanças e de formar categorias mais amplas. A quarta etapa dizia respeito à revisão e aperfeiçoamento dos temas que identificaram durante a fase anterior. A quinta etapa é o processo de definição e nomeação dos temas. Foi criada uma história coerente sobre cada tema, a fim de definir cada tema. A última etapa foi a de conceber um relato claro do que foi feito. A descrição de cada tema utilizado como base no relatório final abaixo. Na apresentação dos temas, tentámos concentrar-nos na questão da investigação, a fim de desenhar os percursos de aprendizagem.

Três temas diferentes emergiram através da análise acima referida. Os temas são os seguintes: 1) *Desenvolver competências através da aprendizagem informal*; 2) *Dar e receber: Peritos e Comunidades*; 3) *Expectativas e contribuição*.

4. ANÁLISE

a. Desenvolvimento de competências através da aprendizagem informal

Num sentido amplo, à medida que vivemos, desenvolvemos competências. Estas competências podem ser visíveis ou invisíveis, mensuráveis ou não e avaliadas por nós próprios ou pelos outros. A autorreflexão e a autoavaliação são mostradas como competências muito significativas, pelo que os participantes no festival referem a sua autorreflexão pelo que recebem. Em particular, os participantes, neste estudo, tentaram explicar como este festival pode funcionar como um ambiente educativo informal e não formal onde não só os jovens mas também todas as pessoas envolvidas podem aprender algo de novo e desenvolver novas competências. Muitos deles argumentaram que durante o festival é difícil adquirir uma competência, no entanto, acreditam firmemente que é possível obter um estímulo que poderia levar alguém ao desenvolvimento de capacidades.

No primeiro excerto, 'V' afirma que o desenvolvimento de competências é viável através de workshops específicos, mas isso requer um longo período de tempo. Na mesma linha do seu argumento está o segundo participante, 'Q'. No entanto, 'Q' acredita que as competências podem ser adquiridas para além de uma educação estruturada, informalmente. O terceiro, 'E', argumenta sobre o festival como um 'ambiente utópico' onde cada um tem de ser mais humano e mais tarde adaptá-lo na sua vida.

V: Infelizmente, há pouco tempo nos workshops para obter estas competências. Entrar numa determinada competência é um workshop separado. Posso dizer-vos que é uma competência que, se a experimentarem e passarem algum tempo a fazê-lo, finalmente a adquirirão. É um pouco arbitrário, penso eu, dizer que se desenvolveu uma competência dessa forma. Talvez recebamos alguns estímulos.

P: Penso que no festival do Multilinguismo não se vão desenvolver competências, ou seja, não se recebem os estímulos que se quer ir além. Mas cada competência é um processo que leva algum tempo e exige alguns passos para o fazer. Desta forma, penso eu, este processo é fragmentado, mas fornece um estímulo. Ousemos dizer, cantar, movermo-nos, tentar, aprender uma nova língua ...

E: Penso que o festival semeou uma semente, ou seja, estamos num ambiente em que tentamos ajudar, trabalhar e solidarizar-nos uns com os outros. Isto funciona como se eu

observasse o que está a acontecer neste festival e depois o adoptasse na minha vida. Não sei se é uma competência, mas uma semente, este tipo de encontro.

Um dos principais objectivos do Festival do multilinguismo é criar um espaço democrático onde indivíduos de diferentes origens e estruturas sociais e culturais (organizações/instituições/escolas) se possam encontrar e promover o diálogo entre diferentes comunidades étnicas da cidade de Salónica. Através deste processo, o desenvolvimento de competências, tais como capacidades de comunicação e conhecimentos e sensibilidade interculturais, está no centro do festival. Abaixo, os participantes descrevem a oportunidade de criar este terreno comum a fim de encontrar novos parceiros, amigos e oportunidades de colaboração.

P: Queremos encontrar o que temos em comum porque, como países vizinhos, há muitas coisas em comum, coisas que são as mesmas, não só nos países próximos mas também nos países distantes. Obviamente, há muitas diferenças mas... mesmo dois irmãos não são semelhantes...

G: Vamos encontrar o que temos em comum. Temos muitas coisas que nos mantêm separados, mas porque não encontrarmos o que temos em comum?

L: Reunimo-nos no quiosque arménio com outras culturas. Isto foi como uma lição de filosofia, eles aprenderam muitas coisas sobre nós e nós também aprendemos sobre eles. Começámos a beber e terminámos duas garrafas de vinho enquanto falávamos. Ou seja, hesitaram no início, mas mais tarde tudo mudou. Acho que isso foi bom, partilhámos coisas.

A *colaboração*, como um valor e uma competência, está no coração deste festival do multilinguismo. Alguns participantes descreveram as suas experiências de cooperação e partilha. O espírito do festival é ultrapassar as diferenças entre países e dar um passo em frente. A seguir, nos excertos seguintes, torna-se visível que cabe aos participantes colaborar uns com os outros. O Festival pode qualificar o encontro destas pessoas num espaço comum. Muitos participantes viveram momentos de colaboração e carinho, no entanto, mesmo aqueles que não puderam ter tais experiências afirmaram que é uma parte vital do festival.

K: Construámos 'pontes', não só com linguagem, mas também com dança, música e que as pontes nos levam a algum lugar. Ajudam-nos de alguma forma, em algum lugar. Não

pretendo falar as mesmas línguas, mas sim cooperar. Não é só o facto de estarmos a ter um bom dia. Seria bom ter isto continuamente. Gostaria que isso também acontecesse este ano.

F: Há cooperação neste festival. Vamos lá, vamos fazê-lo juntos. É aqui que as competências são desenvolvidas.

G: Ajudamos todos os outros ali. No festival do multilinguismo ajudamos, por exemplo, na preparação dos quiosques, é habitual perguntar e dar e receber coisas das pessoas à sua volta: 'Não tenho tesoura, pode-me emprestar uma?', 'você é mais alto do que eu, pode fazer isso, por favor? Este é o espírito de cooperação. (...) Se há uma boa razão por detrás, todos nós contribuímos para isso. Se tiveres um coração bondoso.

b. "Dar e receber": Peritos e Comunidades

A participação ativa no espaço público pode ser uma experiência valiosa para os participantes no Festival, com ela aprendem a exporem-se e expressarem-se livremente com os outros e desenvolvem as competências pessoais específicas para gerirem o seu stress e as suas emoções decorrentes dessa exposição pública. A diversidade cultural é uma característica única e básica deste Festival. A cultura, e a língua como base do mesmo, é o conceito central do funcionamento do Festival. Portanto, todos são identificados e plenamente reconhecidos como portadores e representantes da cultura da sua própria origem. Alguns participantes abaixo falam sobre a importância da participação nos eventos do festival e a oportunidade de estarem juntos de pessoas de diferentes contextos culturais.

Ehr: Conhecer as comunidades e fazer algo em conjunto. O festival dá-lhe a oportunidade de se encontrar (todas estas pessoas diferentes), mas há mais coisas... ou seja, estar juntos e tomar uma bebida com alguém que é considerado estranho para si.

H: É importante que os participantes conheçam outras pessoas de diferentes origens culturais que se preocupam com elas. Reunir as diferentes culturas que estão a tornar-se uma só. Pode oferecer a possibilidade de se perguntarem... o que podemos fazer juntos, o que podemos aprender uns com os outros.

Z: Aqueles que esquecem de onde vieram e não amam as suas origens, não podem amar absolutamente nada. Somos todos diferentes, mas também somos todos iguais. Estamos juntos. Um ramalhete de flores. Juntos somos uma equipa. Trocamos as nossas culturas.

Damos e tiramos cultura uns dos outros para fazermos algo melhor. Não podemos mudar totalmente quem somos. Melhoramos os nossos pensamentos e as nossas condições futuras com tudo o que partilhamos uns com os outros e aprendemos com os outros.

Muitas pessoas participam no Festival não só para oferecer algo aos outros, mas também para sentirem um sentimento de união e partilha. Alguns participantes veem o festival como um processo dinâmico para se conhecerem e estarem ligados entre si.

M: Sinto-me ligado aqui, como se fizesse parte de algo maior. Não sei como explicar, mas este festival cumpre o que espero todos os anos. As pessoas que conheço todos os anos são incontáveis e tento sempre trocar informações sobre o meu país, a minha língua e a minha cultura.

R: Estas pessoas sentem grande alegria e confiança em participar em eventos como este Festival. Sentem-se mais próximas da sociedade em que vivem. Sentem-se membros de pleno direito destes programas. Sentem que a sua voz pode ser ouvida por outras pessoas totalmente diferentes.

P: Tentamos ter relações com os quiosques que estão ao nosso lado e falamos com eles. Sentimo-nos como uma família.

Os participantes estão a tornar-se mais conscientes e sensíveis em termos interculturais. Adquirem conhecimentos sobre outros países, sobre as suas línguas, danças, canções, artes, desporto, teatro, cinema, gastronomia, livros, etc. Vale a pena mencionar que muitos dos participantes do estudo se concentraram no que dão ao festival e no que o festival lhes proporciona.

R: Viemos ao Festival para dar o que temos e estamos contentes por isso. Na verdade, o festival do multilinguismo... é apenas uma parte de um projeto maior da nossa organização. Regozijamo-nos com o que damos.

P: É importante descobrir tanto o que o festival dá como o que recebe dos participantes. Obviamente, todos nós trocamos informações e promovemos parcerias. É importante construir um diálogo entre as organizações e as instituições. Recebe-se e dá-se constantemente. Como sociedade civil, todos nós nos encontramos lá e trazemos à tona preocupações e sinergias, que são boas para serem promovidas. Digamos, por exemplo, o

que é que a comunidade albanesa tem para oferecer? O que tenho para dar à sociedade? Que tenho eu para oferecer aos outros?

Alguns participantes falaram dos jovens e, particularmente, da oportunidade que lhes é dada através deste festival de se aperfeiçoarem e desenvolverem. O *pensamento crítico* e a *visão para além do óbvio* são as competências reconhecidas como relevantes. Nos dois primeiros excertos os participantes preocupam-se com os jovens em geral e as ferramentas que eles podem desenvolver dentro deste festival. O terceiro e o quarto excertos são principalmente sobre jovens de diferentes origens culturais. Este festival, mesmo que seja apresentado como uma forma de conhecer o outro e quebrar estereótipos, para os participantes é algo mais. Os participantes não se preocupam com os estereótipos contra eles, mas conhecem a ideia de rotular o outro trabalhando para o superarem de forma a caminharem em direção a uma sociedade aberta.

R: É uma oportunidade importante para eles estarem conscientes de culturas diversas através do encontro com todas estas pessoas. Eles podem pensar de forma diferente, sem estereótipos. Apenas pessoas cultas, não importa como percebem a 'cultura'.

G: Os jovens são a prioridade deste festival. Eles seguram as portas da nossa civilização. Penso que os jovens não aceitam facilmente a 'diferença' porque não são educados para o fazer. Através das oficinas do festival eles aprendem a fazê-lo e ganham mais outras coisas.

R: É crucial que esta cidade envie uma mensagem aos jovens: "Estamos aqui por vós", neste contexto todos nós contribuimos com algo. Contribuímos com a nossa cultura, as nossas tradições, os nossos bens comuns. As nossas comunidades sentem que somos aceites pelos habitantes locais através deste festival. Quando vejo todos os grupos a dançar juntos, descubro muitas coisas que partilhamos com outras comunidades.

L: Devemos notar que os nossos filhos (sem origem grega) não estão sozinhos na sua comunidade. Compreendem que não há "outros" mas o mesmo com os gregos com línguas e culturas diferentes.

c. Expectativas e contribuição

Nesta secção, os participantes fazem sugestões sobre possíveis melhorias do funcionamento e conteúdo do festival e o que pode ser feito para maiores níveis de união e pertença, e o papel da língua e da comunicação em geral para esse fim. É também muito interessante a reflexão

dos participantes sobre o seu envolvimento nos trabalhos do festival e o seu impacto nos mesmos e no reforço da inclusão social.

N: *Todos cantarão uma canção, todos a cantarão na sua própria língua. Vamos encontrar uma canção que já tenha sido traduzida em todas as nossas línguas, vamos fazer algo juntos, podemos cantar uma canção simultaneamente em 5 línguas e aproximarmo-nos. Todos nós conhecemos a canção... 'tara tirara'. Mostra que somos todos um, o mesmo, e temos a capacidade de cantar, temos a nossa própria voz.*

K: *O que me pergunto todos os anos é que nos divertimos, temos os mesmos pensamentos, estamos disponíveis e abertos a participar neste festival, mas e aqueles que... têm uma opinião diferente? Aqueles que não são tão abertos.... Será que o festival os afecta? Será que cria algo na sociedade? Não sei. Então, será que criamos algo diferente, algo novo? Ou somos apenas uma família feliz entre nós?*

N: *Nos quiosques convivemos normalmente de forma harmoniosa, sem discutir, sem gritar aos outros. Os ucranianos tinham um problema desde que os colocaram ao lado da Rússia. Trouxe Tsipouro (bebida grega com álcool) de qualquer forma e todos nós éramos felizes e amados.*

R: *O que descobrimos é que... conhecer pessoas, partilhar experiências, é importante lidar com os preconceitos e ajudar a ultrapassá-los. Como participante, temos de ser confrontados com o pensamento de que alguém é estrangeiro e obter novas informações sobre os outros.*

AM *Tentamos falar com todos. Nós, obviamente, somos diferentes de todos os outros. O problema é que por vezes sinto que não há união, gosto de fazer as coisas todas juntas. Por exemplo, seria ideal começar uma dança que é semelhante para todos e é dançada por todos, vamos todos dançar... Ou uma palavra que tem o mesmo som, duas palavras podem ter um significado completamente diferente.*

L *Se ao menos deixássemos todas as comunidades trabalharem em conjunto, para fazer algo em comum. Não sei exatamente o que...talvez possam criar um mapa de línguas, de conceitos, para produzir música... apenas para improvisar. Podemos ter coisas espantosas.*

P: *Os conhecimentos linguísticos sempre foram importantes para mim. Cada língua abre um novo mundo para si. Aprendi através do festival do multilinguismo que Salónica é uma cidade do multilinguismo. Este festival traz-me felicidade e faz-me sentir ambicioso.*

5. CONCLUSÃO

A valorização das competências dos jovens durante os eventos socioculturais, tais como o Festival do multilinguismo de Salónica, Grécia, foi o foco básico desta produção intelectual (IO4) do projeto SLYMS. Seguindo a literatura contemporânea relevante e os resultados anteriores (IO1, IO2, IO3) do programa, apresentámos um quadro teórico sobre os possíveis percursos de aprendizagem dentro do festival, considerando os pontos de vista dos participantes e incluindo as suas experiências de envolvimento no mesmo. Além disso, descrevemos a metodologia do nosso estudo e analisámos o material empírico das entrevistas para localizar convergências e divergências com a literatura e os resultados da investigação dos outros resultados intelectuais do projeto.

A investigação das afirmações e opiniões dos participantes sobre o papel do festival e de eventos sociais semelhantes, em geral, no desenvolvimento de competências úteis específicas para os jovens. Jovens estes que estão em alto risco devido às condições sociais vulneráveis em que vivem. Confirmou a afirmação do SLYMS sobre a importância dos percursos de aprendizagem não formais e informais destes eventos sociais.

Estes percursos de aprendizagem não formais e informais contribuem para o reforço de competências sociais e pessoais específicas, tais como *comunicação, colaboração/cooperação e trabalho em rede, negociação, resolução de conflitos, pensamento crítico, participação, sensibilidade intercultural, empatia, e autoavaliação*. Neste sentido, desempenham um papel no reforço da cidadania e da identidade de cidadãos responsáveis e ativos e de trabalhadores flexíveis, que serão capazes de se adaptar às exigências e complexidades do novo ambiente global de trabalho e societal. Por conseguinte, o Festival do Multilinguismo de Salónica fortalece o estatuto dos jovens que nele participam ativamente.

Em particular, durante a investigação, os participantes do estudo expressaram livremente os seus sentimentos e pensamentos sobre as suas ações e relações com outras pessoas nos Festivais do Multilinguismo de Salónica. Vale a pena mencionar que, para a maioria deles, a sua participação nos *focus group* da investigação foi mais uma oportunidade de estarem juntos com pessoas de diferentes contextos culturais que encontram todos os anos no contexto dos trabalhos do festival e também em outros encontros e eventos relacionados.

Nos participantes, foi revelado que o festival do multilinguismo funciona como um terreno comum utópico. Os participantes são inspirados e motivados pelos valores da cooperação, do convívio e da partilha. Assim, não só querem desenvolver novas competências, como também tentam aproximar-se de pessoas de diferentes origens culturais e construir "pontes" para se juntarem através de elementos culturais sob os quais estabelecem formas mais racionais, sustentáveis e justas de socializar e agir.

Em suma, estas pessoas criam espaços públicos comuns, reunindo-se voluntariamente todos os anos e trabalhando em conjunto em questões de sustentabilidade local nas instalações do Festival do Multilinguismo de Salónica. Juntam-se para explorar uma questão cultural e formam um espaço comum de partilha e de ação e reflexão colectiva. Os entrevistados expressaram, em comum, como principal preocupação durante a investigação, o seguinte "o que podemos fazer para seguir juntos?" e "o que podemos aprender uns com os outros da próxima vez?"

APÊNDICES

APÊNDICE 1

A Batalha pela laranja (p.166-167), Compasito: Manual sobre educação em direitos humanos para crianças

29. “A Batalha pela laranja” Pode esta ser uma situação vantajosa para todos?

Temas: Paz

Nível de complexidade: Nível 1

Idade: 8 - 13 anos

Duração: 30 minutos

Tamanho do grupo: 4 - 24 crianças

Tipo de atividade: Concurso e discussão em grupo

Visão geral: As crianças competem pela posse de uma laranja e discutem como resolver conflitos. Objectivos

- Discutir a necessidade de comunicação em situações de conflito;
- Refletir sobre estratégias de resolução de conflitos.

Preparação: Nenhum

Materiais: Uma laranja

Instruções

1. Explique que o grupo vai jogar "o Jogo da Laranja". Dividir as crianças em dois grupos. Peça ao grupo A para ir lá fora e esperar por si. Diga ao grupo B que nesta atividade o seu objectivo é obter a laranja porque precisam do seu sumo para fazer sumo de laranja.
2. Vá lá fora e diga ao Grupo A que o seu objectivo nesta atividade é obter a laranja porque precisam da casca da laranja para fazer um bolo de laranja.
3. Reúna os dois grupos no interior e peça a cada um deles que se sentem numa fila de frente um para o outro.
4. Diga aos grupos que têm três minutos para obterem o que precisam. Sublinhar que não devem usar a violência para obterem o que querem. Depois colocar uma laranja entre os dois grupos e dizer: "Começar".

Normalmente alguém levará a laranja e um grupo tê-la-á e a forma como os grupos lidam com a situação será uma surpresa. Por vezes, os grupos tentarão negociar para dividir a

laranja ao meio. Outras vezes, não negociarão de todo. Por vezes, os grupos comunicam mais e apercebem-se que ambos precisam de partes diferentes da laranja; alguém de um dos grupos descascará a laranja, tomando a parte de que precisam. Não interfiram.

5. Após três minutos, dizer "Stop" ou "O tempo acabou".

Debriefing e avaliação

Perguntas para reflexão e avaliação:

- 1) O seu grupo conseguiu o que queria antes de os três minutos terem terminado?
 - a) Qual era o objectivo do seu grupo?
 - b) Qual foi o resultado do conflito sobre a laranja?
 - c) O que fez para alcançar este resultado?
 - d) Porque é importante que as pessoas comuniquem a fim de resolver conflitos?
 - e) As pessoas comunicam sempre umas com as outras quando estão em conflito?
Porquê ou porque não?
 - f) As pessoas querem sempre a mesma coisa num conflito?
 - g) Já alguma vez viveu situações semelhantes? Qual foi o resultado?
- 2) Relacionar a atividade com os direitos humanos, colocando uma questão como esta:
 - a. Quais são alguns dos direitos humanos que são violados num conflito.

Sugestões para acompanhamento

- A atividade 'Retratando maneiras de sair da violência', p. 133, também trata da resolução de conflitos.
- Várias atividades também requerem negociação: 'Captura do Castelo, p. 89; 'Monstro das Bolachas', p. 95; 'Os invisíveis chegaram, p. 171

Ideias para a ação

Desenvolver ideias sobre como lidar com o conflito no seio do grupo. Listar estas ideias numa tabela e pendurá-las algures na sala.

Dicas para o facilitador

- Após os três minutos, tomar a laranja, ou o que resta dela, para evitar distrações durante o debriefing.
- Durante o conflito, não se deve tentar influenciar os resultados, mas sim ter o cuidado de enfatizar às crianças que não deve haver violência para conseguir o que elas querem.
- Adaptação para grupos maiores: Criar quatro grupos em vez de dois grupos e ter duas "batalhas de laranja" a decorrer ao mesmo tempo. Basta fazer 2 grupos A, e 2 grupos B e dar as mesmas instruções como indicado acima. Faça 1 Grupo A sentar-

se em frente a 1 Grupo B, e o segundo Grupo A sentar-se em frente ao segundo Grupo B; coloque uma laranja entre cada conjunto de grupos. Comece e pare a atividade ao mesmo tempo. Pode ser interessante discutir os diferentes processos e resultados em cada 'Batalha'.

APÊNDICE 2

Módulo 5 *Cake Sculpture*: Celebração, Tema 5A, (p.12), ArtsTogether: Integrating Migrant Children at Schools Through Artistic Expression,

TEMA 5A NÍVEL 3: ESCULTURAS DE BOLOS
Nível 3: Recursos/Materiais
Materiais reciclados: embalagens de plástico e cartão, jornais, papel colorido, papel, tecidos, tecido, pequenos pedaços de material cintilante usados para decoração, fita, botões; cola, pistola de cola, tesoura, faca artesanal Sítios Web: Cup-cake gigante: https://www.youtube.com/watch?v=hJUEMxzwL2A&app=desktop Paper Mache Doughnuts: https://www.youtube.com/watch?v=hJUEMxzwL2A&app=desktop Bolo: https://www.youtube.com/watch?v=tm0KdZoB2pI&app=desktop
Atividades de aprendizagem de nível 3: Esculturas de Bolo de Celebração
<p>Pesquisar bolos especiais, por exemplo, Natal, Páscoa, bolos de casamento e bolos com um aspecto decorativo, por exemplo, cup-cakes, donuts.</p> <ul style="list-style-type: none">– Ver vídeos para ideias sobre como fazer bolos escultóricos divertidos a partir de materiais reciclados.– Trabalhar em grupo e decidir que tema irá utilizar para a sua escultura do bolo para celebração.– Desenhe a sua escultura do bolo para celebração em papel e decida que materiais irá utilizar.– Reunir materiais e começar a fazer em grupos - Amplie para máximo impacto.– Fazer vídeos de como fazer as esculturas em bolo– Planeie como irá exibir os bolos esculturais - podem fazer parte de um Festival Global de Alimentação ou de um evento de Celebração Global ou podem fazer parte de um desfile de Carnaval.– Pode fazer qualquer um dos seus bolos esculturais como bolos comestíveis? Se possível, faça vídeos de como fazer e comer os bolos reais.

APÊNDICE 3

Palavras que Feriram (p.194-196), Compasito: Manual sobre educação em direitos humanos para crianças

38. Palavras que Feriram

Paus e pedras podem partir-me os ossos, e as palavras também me podem magoar!

Temas: Discriminação, Igualdade de gênero, Violência

Nível de complexidade: Nível 2

Idade: 10 - 13 anos

Duração: 60 minutos

Tamanho do grupo: 5-20 crianças

Tipo de atividade: Elaboração de listas, priorização, discussão

Visão geral: As crianças dão exemplos de linguagem ofensiva e analisam os seus motivos e efeitos.

Objectivos:

- Refletir sobre as causas e efeitos da linguagem ofensiva
- Para compreender como as pessoas podem responder de forma diferente a termos diferentes
- Para compreender os limites da liberdade de expressão
- Praticar competências para se opor à linguagem ofensiva

Preparação

Cópia do Artigo 13 da Convenção dos Direitos da Criança, em papel quadriculado ou no quadro negro.

Materiais

- Post-its ou folhas de papel e fita adesiva
- Papel de carta e um marcador, ou quadro negro e giz
- Cópia da CDC Artigo 13

Instruções

1. Escrever e/ou ler o Artigo 13 da CDC em voz alta. Assinalar que este artigo da CDC dá a uma criança o direito à liberdade de expressão mas restringe especificamente a expressão que viola os direitos e a reputação dos outros. Discutir a liberdade de expressão fazendo perguntas como estas:
 - a. Devemos ser sempre capazes de dizer o que quisermos?

- b. Devem ser colocados limites ao que podemos dizer sobre os nossos pensamentos e crenças?
 - c. Que tipo de linguagem violaria os direitos dos outros?
 - d. Que tipo de linguagem violaria a reputação dos outros?
2. Explique que esta atividade irá explorar algumas destas questões.
 3. Dar folhas de papel a todos e pedir-lhes que escrevam comentários ofensivos que ouçam dizer sobre outras crianças ou nomes que as crianças chamam uns aos outros, cada um num pedaço de papel separado.
 4. Fazer uma escala na parede como a que se segue, que vai de 'Provocar / Brincar' a 'Extremamente Doloroso / Degradante'. Pedir às crianças que coloquem as suas palavras onde elas pensam que pertencem na escala. Incentivá-las a não falar durante esta parte da atividade.
 5. Depois pedir a todos que examinem a parede silenciosamente. Normalmente as mesmas palavras aparecerão várias vezes e são quase sempre classificadas com diferentes graus de severidade.

Debriefing e Avaliação

1. Quando as crianças estiverem novamente sentadas, pergunte-lhes o que observaram, orientando a sua análise com perguntas como estas:
 - a. Apareceram algumas palavras em mais do que uma coluna?
 - b. Porque pensam que algumas pessoas pensam que uma palavra não é dolorosa e outras que é dolorosa ou degradante?
 - c. Importa como se diz uma palavra? Ou por quem?
 - d. Porque é que as pessoas usam palavras como estas?
 - e. Magoar os outros ao usar palavras é uma forma de violência? Porquê?
2. Pergunte às crianças se conseguem ver algum padrão ou categoria entre estas palavras dolorosas. À medida que as crianças começam a identificar e a mencionar estas categorias (por exemplo, sobre aparência física e capacidades, características mentais, sexualidade, família ou origem étnica), escreva as categorias no quadro. Orientar a sua análise com perguntas como estas:
 - a. Algumas palavras são apenas para raparigas? Para os rapazes?
 - b. Porque pensam que a linguagem ofensiva se inscreve nestes tópicos?
 - c. Em que tópicos ou categorias as palavras consideradas mais dolorosas estão colocadas?

- d. Que conclusões se podem tirar sobre a linguagem nociva destas categorias?
3. Pedir às crianças que retirem as suas folhas de papel do primeiro gráfico e as coloquem debaixo do tópico ou categoria onde melhor se encaixam. Poderá querer que uma categoria seja rotulada como "Outra". Quando as crianças voltarem ao seu lugar, fazer perguntas como estas:
- As palavras consideradas mais dolorosas parecem enquadrar-se em categorias particulares?
 - Não responda em voz alta mas considere: as palavras que utiliza enquadram-se numa categoria particular?
 - Divida o grupo em pequenos grupos e dê a cada grupo vários recortes contendo as palavras consideradas mais dolorosas. Peça a alguém em cada grupo para ler a primeira palavra ou frase. O grupo deve aceitar que este é um comentário doloroso e discutir 1) se as pessoas devem ser autorizadas a dizer tais coisas, e 2) o que fazer quando isso acontecer. Repetir o processo para cada palavra ou frase.
4. Peça às crianças para relatarem as suas conclusões na etapa 3. Relacionar o discurso ofensivo com as responsabilidades em matéria de direitos humanos, fazendo perguntas como estas:
- Será que os adultos têm a responsabilidade de deixar de fazer discursos ofensivos? Em caso afirmativo, porquê?
 - Será que as crianças têm a responsabilidade de o impedir nas suas próprias vidas? Em caso afirmativo, porquê?
 - O que podem fazer na vossa comunidade para parar com o discurso ofensivo?
 - Porque é que é importante fazê-lo?
 - De que forma é o discurso ofensivo uma violação dos direitos humanos de alguém?

Sugestões para acompanhamento

- Mais adiante, a discussão sobre o que as crianças podem fazer para parar a linguagem ofensiva. Jogar com situações de chamar nomes e deixar as crianças experimentarem em conjunto com formas de responder.
- A atividade 'From Bystander to Helper', p. 108, ajuda as crianças a considerarem o que podem fazer individualmente para intervir em comportamentos ofensivos.

Ideias para a ação

- Utilize esta atividade para discutir como as crianças utilizam a linguagem dentro deste grupo. Existem algumas palavras que o grupo concorda que não devem ser utilizadas?
- Se o seu grupo já tiver desenvolvido regras de grupo, considere acrescentar uma cláusula relativa à linguagem ofensiva.

Dicas para o facilitador

- Esta atividade requer um julgamento sensível por parte do facilitador. Embora as crianças conheçam "palavrões" desde tenra idade, raramente os discutem com adultos. Os passos 2-4 são susceptíveis de suscitar embaraço e risos nervosos. As crianças podem precisar da sua garantia de que, neste contexto, é aceitável trazer estas palavras à tona em público. Não as está a "usar" mas sim a discuti-las.
- É uma boa ideia não dizer as palavras em voz alta, mas mantê-las sem serem ditas, apenas na forma escrita, excepto no Passo 3, em que as crianças estão a determinar se uma palavra é aceitável ou não.
- Um ponto central de aprendizagem desta atividade é que as mesmas palavras podem envolver sentimentos muito diferentes, ou seja, uma palavra que uma criança pode considerar brincalhona, outra pode considerar muito dolorosa. Não deixe que a discussão prejudique os sentimentos de uma criança sensível, porque outros pensam que uma palavra é inócua. Pode querer passar mais tempo a explorar os factores que podem sensibilizar alguém para certas palavras.
- Esta atividade não é recomendada para grupos de uma vasta faixa etária. Tenha em atenção que algumas crianças não saberão o significado de algumas palavras, especialmente as relacionadas com a sexualidade. As crianças pequenas podem não compreender que algumas palavras estão relacionadas com o comportamento sexual. Adapte este exercício cuidadosamente para o seu grupo específico.
- O debriefing é essencial para esta atividade. Dar às crianças tempo suficiente para fazerem as suas próprias categorias e tirarem as suas próprias conclusões, caso contrário a ligação aos direitos humanos será ténue, na melhor das hipóteses.

Adaptação para crianças mais novas

- Esta atividade pode ser efetivamente modificada para crianças mais novas (por exemplo, 8 - 10 anos de idade ou ainda mais novas) omitindo a Instrução 1 e

utilizando apenas a Pergunta de Debriefing 1. Concluir, refletindo com o grupo sobre como evitar o uso de palavras que magoam as pessoas.

Adaptações

Para crianças mais velhas: Pode desejar realizar a atividade em dias separados. Talvez realizando a atividade e Debriefing 1 e 2 no primeiro dia, e Debriefing 3 e 4 num dia seguinte, a fim de dar tempo às crianças para assimilarem o que aprenderam e começarem a fazer observações mais informadas sobre o mundo à sua volta.

Para crianças mais novas: O primeiro passo do Debriefing pode ser suficiente. Seguimento com formas de dramatização para responder a linguagem ofensiva.

APÊNDICE 4

Como se posiciona?, (p. 184-186), Compasito: Manual sobre educação em direitos humanos para crianças

35. Qual é a sua posição? Vote com os seus pés!

Temas: Direitos Humanos em geral, Participação

Nível de complexidade: Nível 1

Idade: 8-13 anos

Duração 30-40 minutos

Tamanho do grupo 6-12 crianças

Tipo de atividade: Discussão com algum movimento

Visão geral: As crianças ocupam uma posição física na sala e depois explicam e apoiam as suas opiniões.

Objectivos:

- Aprofundar a compreensão da participação;
- Desenvolver a capacidade de escuta;
- Desenvolver a capacidade de discussão e argumentação

Preparação:

- Dividir a sala em duas partes e colocar sinais de CONCORDO e DISCORDO em ambas as extremidades.
- As declarações de discussão escritas num flipchart, cada uma numa página separada, e coloca-las na linha no meio da sala.

Materiais - Flipchart e canetas • Corda ou giz • Papel e marcadores.

Instruções

Anuncie às crianças que está interessado na sua opinião sobre algumas questões importantes.

1. Explique que irá ler uma declaração e individualmente eles têm de decidir se concordam ou não com ela e depois ficar na parte da sala onde veem o cartaz respectivo. O objectivo será convencer outras crianças a mudar a sua opinião e posição. Ninguém pode falar até que todos tomem uma posição.
 - a. Quanto mais fortemente concordar ou discordar da declaração, mais longe do

centro ficará de pé.

- b. Ninguém pode ficar na linha do meio, mas se não se pode decidir ou se se sente confuso acerca da questão, pode ficar para o meio de um lado ou do outro.
- c. Mostre às crianças a primeira declaração e leia-a em voz alta. Depois peça que decidam o que pensam e que tomem uma posição. Esperar até que todos tenham tomado uma posição. Depois pergunte a todos de ambas as posições por que razão se posicionaram nos diferentes lados.

Deixe-os discutir os seus pontos de vista. Encorajar muitas crianças diferentes a expressar uma opinião. Depois de conceder um tempo razoável para a discussão, convidar qualquer criança que deseje mudar de posição. Se várias o fizerem, pergunte-lhes que argumento as fez mudar de opinião. Continue este processo para todas as declarações.

Debriefing e Avaliação

Fazer perguntas como estas:

- O que acharam deste exercício?
- Foi difícil tomar uma posição em alguns casos? Quais?
- Alguma vez alteraram a sua posição? O que é que o levou a fazer isso?
- Houve algumas declarações mais complicadas do que outras?
- Existem algumas declarações sobre as quais ainda não têm a certeza?
- Gostariam de discutir mais aprofundadamente algumas questões?
- Aprenderam algo de novo com esta atividade? Se sim, o quê?

Relacionar a atividade com o direito à participação, assinalar que a participação é um direito importante de cada criança e ler o Artigo 12 da CDC, fazendo perguntas como estas:

- Viram alguma ligação entre estas questões?
- São capazes de participar na tomada de decisões na sua família? Na sua turma ou escola? Na sua comunidade? Qualquer outra situação na sua vida?
- Conseguem imaginar algumas novas áreas em que poderia participar?
- Porque pensam que o direito à participação é importante para as crianças?

Sugestões para acompanhamento

No final da discussão, dividir as crianças em grupos de três ou quatro e dar a cada grupo

cópias das declarações utilizadas na atividade. Peça a cada grupo que reformule as declarações de uma forma que todos possam concordar. Compare as suas declarações reformuladas. As atividades - "Uma Constituição para o Nosso Grupo", p. 56, ou "Cada Voto Conta", p. 103, enfatizam a participação ativa nos processos democráticos.

Ideias para a ação

- Encorajar as crianças a encontrar formas de participação, por exemplo, falando pelas suas preocupações na escola ou grupos, escrevendo cartas a figuras políticas locais sobre questões locais que lhes dizem respeito.
- Pedir às crianças para escreverem artigos expressando a sua opinião sobre situações das suas vidas (por exemplo, família, organização, turma, escola, distrito). Publicá-los como um jornal de grupo ou quadro de avisos exibem dicas para o facilitador
- Assegurar que todas as crianças, mesmo as menos falantes, tenham a oportunidade de expressar a sua opinião.
- Poderá apelar às crianças mais silenciosas para que expressem as suas opiniões. O tempo de discussão sobre cada declaração deve ser limitado para que a atividade não se torne demasiado longa.
- Para manter as crianças alerta, encorajar o alongamento ou fazer um rápido exercício de aquecimento entre as perguntas.

Adaptação para crianças mais velhas

Fazer mais gradações de opinião (por exemplo: Concordo fortemente, Concordo um pouco, Discordo um pouco, Discordo, Discordo fortemente).

Variações

Desenvolva declarações relevantes para a sua situação local e familiares para as crianças.

Desenvolver declarações relacionadas com qualquer outro tema dos direitos das crianças (por exemplo, direito de associação, igualdade, informação, ambiente, família e cuidados alternativos). Alguns exemplos:

- Todas as crianças, mesmo as mais novas, têm o direito de expressar a sua opinião sobre os assuntos que as afectam.
- As crianças não têm direito a participar na tomada de decisões familiares. Os pais sabem melhor o que é melhor para as crianças.
- Pode ser perigoso para as crianças expressarem os seus pontos de vista sobre

questões escolares.

- Apenas crianças sinceras ou mais velhas podem participar na tomada de decisões.
- Todas as crianças podem participar no parlamento escolar / conselho estudantil com direitos iguais.
- As crianças que tenham tido problemas com a lei perdem o direito de participar em qualquer processo de tomada de decisão.
- Nem todas as crianças têm o mesmo direito a participar. As crianças pobres não podem participar tanto como as outras.
- Participar na escola significa falar muito nas aulas.
- Se os pais estiverem separados ou divorciados, os filhos têm o direito de expressar a sua opinião no processo legal

APÊNDICE 5

Sharing Our Stories, Módulo 1: Jornadas, Tema 1C, p.24, ArtsTogether: Integrating Migrant Children at Schools Through Artistic Expression

TEMA 1C TODOS OS NÍVEIS: PARTILHAR AS NOSSAS HISTÓRIAS
Todos os níveis : Recursos
Sítios Web: Gama de objetos de uso quotidiano a utilizar como adereços e fatos, conforme necessário.
Todos os níveis : Atividades de aprendizagem
Todos somos feitos das nossas histórias - as da história, mito e lenda, família e eventos contemporâneos. Todos nós temos uma voz única que pode contar estas histórias de uma nova forma. <ul style="list-style-type: none">• Recolha ou pesquise uma história da sua cultura ou comunidade de origem - um conto tradicional, um relato histórico de algo que aconteceu na sua cultura ou comunidade ou uma história de uma experiência familiar• Contar a história usando uma gama de técnicas dramáticas e adicionar música, outros sons, canto, movimento e dança, fantasia ou adereços• Ensaiar e apresentar história• Atuar para um leque de audiências• Avaliar o desempenho de forma crítica• Construir a compreensão da língua, conhecimentos e competências através de perguntas e respostas, e discussão, com complexidade de linguagem e conceitos ajustados ao nível dos participantes.

APÊNDICE 6

Through The Door, Módulo 1: Jornadas, Tema 1C, p.23, ArtsTogether: Integrating Migrant Children at Schools Through Artistic Expression

TEMA 1C TODOS OS NÍVEIS: ATRAVÉS DA PORTA
Materiais/Recursos
Sítios Web: Uma gama de portas como os links abaixo: Agradecimentos Creative Commons Porta Vermelha (CC0 1.0): https://www.publicdomainpictures.net/en/view-image.php?image=209062&picture=red-door Porta de Dublin (CC0): https://pixabay.com/en/doors-colorful-dublin-bricks-wall-3800565/ Porta Francesa (CC BY-SA3.0): https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Doorways_Neuville_les_This_France.JPG Porta Gloria (CC0 1.0): https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Building_Gloria_Door_in_S%C3%A3o_Paulo_center.jpg
Níveis 1, 2 e 3: Atividades de aprendizagem
Por vezes a razão pela qual as pessoas deixam as suas casas por razões hostis. Têm também de fazer escolhas quando chegam a novos lugares. O que torna um lugar seguro? O que torna um lugar inseguro?
Nível 1 & 2 <ul style="list-style-type: none">• Chegar a uma escolha de portas que conduza ao futuro - escolher e justificar a escolha.• Imagine um lugar feliz e realize a história
Nível 2 & 3 <ul style="list-style-type: none">• Criar uma cena indesejável do outro lado da porta• Utilizar técnicas de teatro de fórum para mudar isto para uma cena mais acolhedora• Desenvolver uma linguagem de boas-vindas e indesejáveis• Construir a compreensão da língua, conhecimentos e competências através de perguntas e respostas, e discussão, com complexidade de linguagem e conceitos ajustados ao nível dos participantes.

APÊNDICE 7

Emotions and Masks, Módulo 3: Performing People, Theme 3C ArtsTogether: Integrating Migrant Children at Schools Through Artistic Expression.

TEMA 3C NÍVEL 1 & 2: EMOÇÕES & MÁSCARAS
Níveis 1 e 2 Materiais/Recursos
<ul style="list-style-type: none">- Papel e canetas coloridas, cartão branco, elástico e cordel.- Tecido, lã e pedaços de fitas velhas.- Ver Tema 3B Máscaras para mais técnicas de fabrico de máscaras.- Fantasias, adereços e peças de vestuário como um lenço ou chapéu, uma pequena caixa, óculos velhos, uma chave, etc.
Sítios Web: vídeos do YouTube <ul style="list-style-type: none">- https://www.youtube.com/watch?v=349CvQdX5B4- Emojis: (CC PD) https://pixabay.com/illustrations/emoji-emoticon-smilies-icon-faces2074153/
Atividades de Aprendizagem de Nível 1 e 2: Emojis & Emoção
Todos nós amamos Emojis! Como é que os entendemos? <ul style="list-style-type: none">- Explore uma gama de emoções usando emojis - quão precisas são elas?- Ver tema 3A emoji faces - pode desenvolver alguns emojis novos?- Encontre uma palavra para descrever as emoções representadas no PowerPoint.
Atividades de Aprendizagem de Nível 1 e 2: Máscaras de Emoção
<ul style="list-style-type: none">- No seu grupo faça uma gama de máscaras para cobrir diferentes emoções - pode usar máscaras que tenha ou experimentar algumas das técnicas de fabrico de máscaras em Máscaras Tema 3B, também olhar para as caras expressivas em Retratos Tema 3A:- Emoções: Feliz, Triste, Zangado, Aborrecido, Confuso, Surpreendido- Que outras emoções pode sugerir?- Posa com a emoção da sua máscara sem a colocar.- Concentrar-se na expressão corporal e facial.- O público consegue adivinhar qual é a emoção? Peça-lhes que o ajudem a torná-la mais clara.- Lembrem-se das regras de atuação com máscaras.- Olhe para a emoção na máscara que criou. Agora tente fazer o seu corpo espelhar esta emoção. Se a sua máscara está triste, faça todo o seu corpo ficar triste.

- Trabalhar com um amigo e conseguir que o ajudem a tornar a sua linguagem corporal exagerada e clara.
- Escolha uma tarefa simples e faça-o de acordo com o estado de espírito da máscara - faça uma bebida, faça o seu atacador, escova o seu cabelo, desenhe um desenho. Experimentem em pares com ambos mascarados e depois um mascarado e a outra pessoa desmascarada.
- Em pares, desenvolva as suas atividades para fazer uma pequena peça usando as máscaras que fez.
- Adicione música para desenvolver a qualidade emocional dos seus espetáculos

REFERÊNCIAS

- Arts Academy in The Woods, How Arts Education foster Critical Thinking and Why it Matters <https://artsacad.net/how-art-education-fosters-critical-thinking-and-why-it-matters/>
- Artwithmsknight; Self- Assessment in Visual Arts Education
<https://artwithmsknight.wordpress.com/self-assessment-in-visual-art-education/>
- A NEW DIRECTION, 51 benefits of arts education for children and young people, Neve Spicer <https://www.anewdirection.org.uk/blog/51-benefits-of-arts-education-for-children-and-young-people>
- Barbour, R. (2018). *Doing focus groups* (Vol. 4). Sage.
- Bennett, M. J. (1998). Intercultural communication: A current perspective. In Milton J. Bennett (Ed.), *Basic concepts of intercultural communication: Selected readings*. Yarmouth, ME: Intercultural Press.
- Bianchi, J., Hay, P., Riley, M., Male Hill, G., Bath Spa University, (2019). *Artstogether; Integrating Migrant Children at Schools Through Artistic Expression*.
<https://www.artstogether.eu/work-packages-no-2>
- BIG THINK; Theory of Mind: Why Art Evokes Empathy, Eric Kandel
<https://bigthink.com/in-their-own-words/theory-of-mind-why-art-evokes-empathy>
- Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative research in psychology*, 3(2), 77-101.
- Brown Center Chalkboard: New Evidence of the benefits of arts education, Brian Kisida and Daniel H. Bowen <https://www.brookings.edu/blog/brown-center-chalkboard/2019/02/12/new-evidence-of-the-benefits-of-arts-education/>
- Edutopia; Creativity and Academics: The Power of an Arts Education, Neil Swapp
<https://www.edutopia.org/blog/creativity-academics-power-of-arts-education-neil-swapp>
- Flowers, N. (2009). *Compassito; Manual on human rights education for children* (2nd ed.). Budapest, Council of Europe, Directorate of Youth and Sport

Fundamentals of Critical Thinking, <http://www.criticalthinking.org/pages/fundamentals-of-critical-thinking/607>, acesso em 10 de fevereiro 2020.

Kaščák, O., & Pupala, B. (2011). Governmentality-neoliberalism-education: The risk perspective. *Journal of Pedagogy*, 2(2), 145-158.

Kitzinger, J. (1995). Qualitative research: introducing focus groups. *British Medical Journal* 311(1), 299–302.

KQED Education: Using Art to Promote Deeper Thinking and Understanding, Kimberley Campisano <https://ww2.kqed.org/education/2016/07/06/using-art-to-promote-deeper-thinking-and-understanding/>

JSTOR DAILY: Can Art Help People Develop Empathy?, Ellen C. Caldwell
<https://daily.jstor.org/can-art-help-people-develop-empathy/>

Morgan, D.L. (1988) *Focus Groups as Qualitative Research* (Newbury Park, CA: Sage).

Modes- Mediating Soft Skills at Higher Education Institutions,
https://docs.wixstatic.com/ugd/67267c_df6eeb2f47664754a4085f3bdf4bc7bb.pdf ,
downloaded February 10th 2020.

Richmont Hills Arts School: 7 Skills Learned Through Arts Education
<https://richmondhillartschool.com/7-skills-learned-through-art-education/>

Trilling, B., & Fadel, C. (2009). *21st century skills: Learning for life in our times*. John Wiley & Sons.

UNESCO, Intercultural Education of Children Through Arts
<https://en.unesco.org/interculturaldialogue/blog/476>

WABISABI LEARNING: HOW PERFORMING ARTS DEVELOPS 6 SKILLS THAT WILL ENHANCE OUR LIVES <https://www.wabisabilearning.com/blog/6-skills-performing-arts-develops>

WHITBY, 6 Life Skills Kids Can Learn at Art Class, Amy Bilden Budzelek
<https://www.whitbyschool.org/passionforlearning/8-life-skills-kids-can-learn-at-art-class>